

A CARTOGRAFIA E O MAPA-HEMISFÉRICO DE HENRICUS HONDIUS

Abílio Lousada

“A arte de desenhar mapas é mais antiga que a escrita”.

Erwin Raisz, 1969

Mapear o Mundo – Uma viagem pela História da Cartografia

Resultante de observações diretas ou de análise de documentação, a Cartografia é a ciência de representação gráfica da superfície terrestre, ou de determinada área geográfica, através da concepção, produção e difusão de mapas, globos, cartas, plantas, etc. Sendo essencial para o estudo e ensino da Geografia ou da História, a representação cartográfica pode ser acompanhada por informações adicionais como legendas, símbolos, cores, figuras, prefigurando a Cartografia também como arte a nível estético e decorativo.

POVOS PRIMITIVOS	IDADE ANTIGA 600 d.C. - 300 d.C.	IDADE MÉDIA 300 - 1400	RENASCIMENTO 1400 - 1700	REFORMA 1700 - 1900	SÉCULO XX 1900 - 2000	SÉCULO XXI 2000 -
Cartas Marítimas Mapas Esquimós Mapas índios e astecas	Cartografia Grega (600 a. C.) Anaximandro Hécateus Aristóteles Eratóstenes Ptolomeu	Retrocesso da Cartografia (300 - 500) Mapas T no O Cartografia Árabe (800 - 1200)	Revolução Científica na Europa Tradução da Geografia de Ptolomeu Invenção da Imprensa e da Gravação (1470)	Idade da Razão Academia Francesa Surgimento de novos instrumentos	Carta Internacional do Mundo (CIM) Aerofotogrametria Guerras Mundiais	Geoprocessamento Internet multimídia WEB GIS
Mapas Babilônicos (2500 a.C.)	Cartografia Romana (300 d. C.) Orbis Terrarum (mapas de disco)	Mapa de Edrisi (1154) Cartas Portulanas (1280)	Grandes Descobrimentos (1490) Globos Terrestres	Serviço Geográfico Nacional (1750) Levantamentos Topográficos por Triangulação	Revolução Tecnológica Sensoriamento Remoto	
Medições Egípcias (1300 a. C.) Mapas Chineses (1100 - 300 a. C.)	Mapa de Peutinger (pergaminho) Invasão de Roma pelos Bárbaros	Invenção da Bússola	Escolas: Italiana Holandesa Francesa Inglesa Sistemas de Projeções e Triangulações	Tábuas de lat./long. Revolução Industrial	Sistema de Informações Geográficas (SIG)	

Evolução da Cartografia. Fonte: J. F. M. Castro, *História da Cartografia e Cartografia Sistemática*, Belo Horizonte, Editora PUC Minas, 2012.



Mapa-mundi babilônico do século VII a.C. A Babilônia está ao centro.

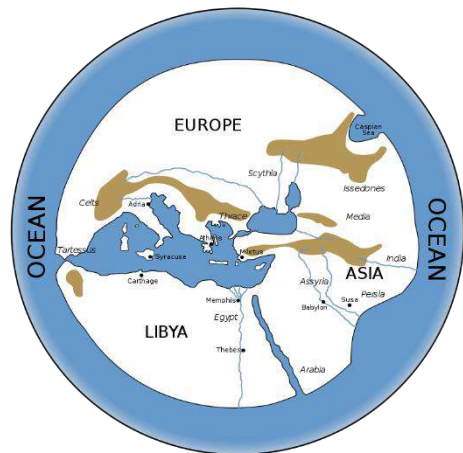
Fonte: <https://pt.wikipedia.org/>

A História reputa aos babilônios o mapa mais antigo encontrado até ao momento, datado de 2.500 anos aC. O designado mapa «*Ga Sur*», esculpido numa placa de barro cozido, encontrado a Norte da Babilónia, na baixa Mesopotâmia, circunscrito ao vale do rio Eufrates. Pouco depois, os egípcios foram desenhando lugares e locais enquanto marcos de localização, numa evolução cartográfica incrementada pelas guerras, descobertas científicas, desenvolvimento das artes e das ciências e pelos movimentos históricos que possibilitaram e exigiram maior precisão na representação gráfica dos espaços terrestres.

Utilizaram as técnicas da triangulação, que consiste na determinação de distâncias baseadas na Matemática, e o nível, instrumento que permitia medir áreas de terras. No século IV aC., os chineses utilizavam os mapas para orientação e localização, mas também como ferramenta para demarcar fronteiras, fixar impostos e como meio estratégico de cariz militar, representando terras e águas de forma detalhada.

Mas foi na Grécia Antiga que surgiram os fundamentos da ciência cartográfica, sobretudo através de Anaximandro (610-546 aC.) e Hecataeus (c. 550-475 aC.). Ambos da cidade de Mileto, que tentaram representar a Terra como um disco flutuante, onde um oceano circundava os três continentes conhecidos: Europa, Ásia e África. Esta concepção, que ficou conhecida como a «*Teoria do Prato*», seria contestada com as comprovações matemáticas e astronómicas de esfericidade da Terra elaboradas por Pitágoras

(c.582 aC.). Ideia de esfericidade comprovada depois por Aristóteles (384-322 aC.), que além de formular os argumentos de obliquidade do eixo, conceito de linha do Equador, de trópicos e de zonas, também desenvolveu o conceito filosófico de esfericidade com



Mapa Terra Hecataeus de Mileto.

Fonte: <https://greciantiga.org/>

base na comparação teológica da esfera como forma geométrica mais perfeita e a obra-prima dos deuses – a morada do homem.

Estudos posteriores, como o conhecimento de novas massas terrestres, conduziram à necessidade de perceber a forma da terra e medir a sua circunferência, tarefa que coube a Eratóstenes (276 a 194 aC.), que chegou a resultados muito próximos da realidade¹. Seguindo esta linha de raciocínio, Hiparco de Nicéia (160-125 aC.) utilizou, pela primeira vez, métodos astronómicos para a determinação de posições na superfície da Terra, iniciando o estudo do sistema de coordenadas geográficas, criando os métodos de cálculo de latitude e longitude. Baseando-se nos 360° da esfericidade da Terra, deduziu corretamente a direcção dos pólos celestes, a rotação do planeta e determinou a duração do dia em 24 horas, de acordo com o aparecimento e a repetição da sombra do Sol sobre a mesma porção da Terra. Determinou, também, que uma hora teria uma distância de 15° de longitude. Hiparco de Nicéia foi o precursor do desenvolvimento da superfície da Terra sobre um plano, idealizando a projecção cónica e utilizando o astrolábio para auxiliar na navegação.

Outra contribuição cartográfica significativa foi a ideia desenvolvida por Crates (180 a 150 aC.) que, baseado no princípio de esfericidade da Terra, antecipou a existência de outros continentes: Perieco (Norte)², Antípodas (Sul)³ e Anteco⁴, em oposição ao Ecúmeno existente, ou seja, a parte conhecida e habitada pelo homem.

Todo o conhecimento geográfico e cartográfico da Grécia Antiga está idealizado na obra «*Tratado de Geografia*» do grego **Claudius Ptolomeu** de Alexandria (90-168 dC.), em oito volumes. Apresenta os princípios da Cartografia e da Matemática, das projecções e dos métodos de observação astronómica, além de instruções para preparação de mapas-mundi e cartas. A Geografia de Ptolomeu é uma espécie de *Google Maps* dos tempos antigos, que compilou as localizações, em valores de latitudes e longitudes, de cerca de oito mil lugares espalhados pela Europa, Norte de África e Ásia. Abrangeu uma área que se estendia do meridiano das Ilhas Afortunadas

¹ 42.513 km, muito próximo dos reais 40.075 km na linha do Equador.

² Perieco: Designação que tomam os habitantes de um lugar da superfície terrestre em relação aos de outro, quando estes lugares ficam na intersecção de um mesmo meridiano com um mesmo paralelo, isto é, quando têm igual latitude e as longitudes respectivas diferem de 180°.

³ Antípodas: É o que, ou quem, se encontra em local diametralmente oposto, isto é, a vertical do lugar que passa pelo centro da Terra é comum para os dois, ou ainda, o Zénite de um é o Nadir do outro.

⁴ Anteco: Diz-se de quem, em relação a outra pessoa, vive no mesmo meridiano, mas em hemisférios diferentes e à mesma distância do equador.

(Ilhas Canárias) até terras chinesas, já a Oriente da Taprobana de Luís de Camões (Sri Lanka).

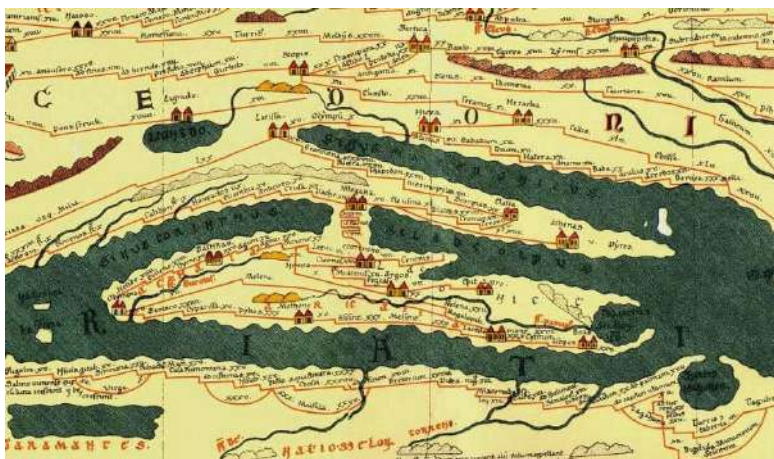


Mapa-Mundi de Ptolomeu. Fonte: <https://upload.wikimedia.org/>

Ptolomeu concebeu o universo como Aristóteles: planeta esférico e parado, com os corpos a movimentar-se em seu redor. Elaborou o mapa-mundi com projeção cônica e marcou o ponto culminante da cartografia na Antiguidade, em que se distingue uma Geografia humana (descrição) de uma Geografia matemática (cálculos e geodésica). Os capítulos teóricos continham métodos matemáticos que exploravam o uso de coordenadas geográficas e de três projecções cartográficas, que permitiam construir e reproduzir mapas do mundo conhecido, mas também de regiões mais pequenas⁵.

Relativamente aos Romanos, menos preocupados com o carácter científico da Cartografia e mais voltados para utilidades práticas, elaboravam mapas com fins administrativos e militares, que eram utilizados para cobrança de impostos e para o aumento do seu império. Não davam importância à visão esférica que os gregos tinham da Terra, pois os mapas gregos antigos já lhes serviam para traçar rotas e

⁵ A chegada de Cristóvão Colombo à América, pensando que era a Ásia, está associado à leitura da obra geográfico-cartográfica de Ptolomeu, nomeadamente na determinação da distância da Península Ibérica à Ásia. Sem perceber que a sua estimativa estava errada, o navegador fez-se ao mar em direcção a Oeste, desconhecendo a existência das Américas a meio caminho.

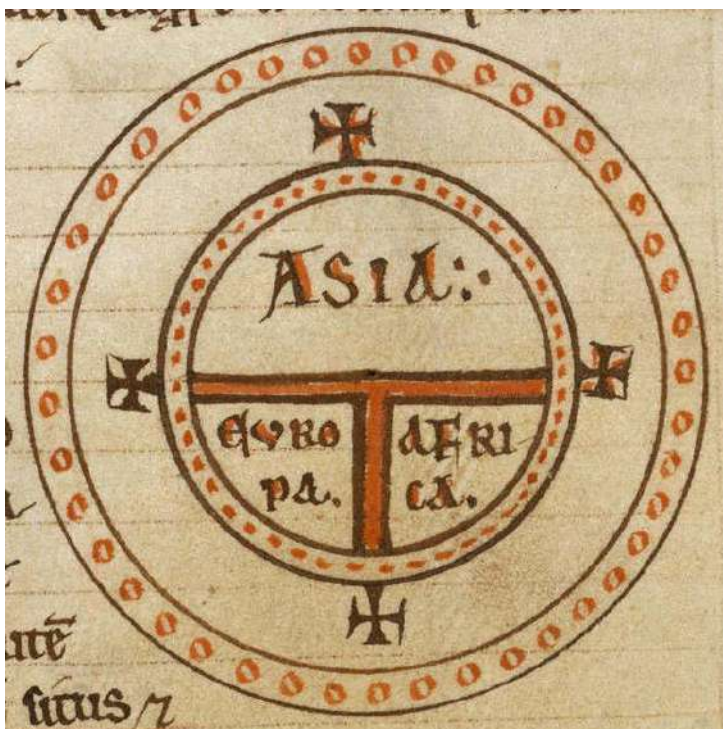


Tabula Romana Peutingeriana.

Fonte: <https://commons.wikimedia.org/>

instrumentos gregos como o astrolábio óptico, capaz de determinar a localização de pontos da Terra por meio de observação de fenómenos celestes. Também utilizavam mapas de itinerários (que mostram caminhos), como a «*Tábua de Peutinger*», útil representação para os navegantes da época, que servia para traçar rotas de viagens. Fundamentalmente, para os Romanos impunha-se mapear os territórios conquistados e as estradas que levavam a Roma.

A Idade Média foi um período dominado pelo sentido cristão do sobrenatural e do divino. O conhecimento cartográfico atingido durante a Antiguidade Clássica retrocedeu, pelo menos na Europa. Durante esse período, a Igreja Católica influenciou



Mapa T e O do Etymologiae, de Santo Isidoro de Sevilha.

Fonte: <https://commons.wikimedia.org/>

delimitar os territórios conquistados. Neste tipo de carta, chamada «*Orbis terrarum*» (mundo inteiro), os três continentes conhecidos aparecem dispostos de forma simétrica. Os Romanos realizavam extensos levantamentos do seu império, usando

todos os campos do conhecimento, interferindo também na forma de desenhar mapas.

Não obstante, as cruzadas, a abertura comercial e o contato com regiões distantes (Ásia e África) contribuíram para o aperfeiçoamento da Cartografia, então designada Cosmografia. Voltou a usar-se o «*Orbis Terrarum*», mas com tal número de modificações que perdeu a exatidão sobre os lugares. Os mapas mais característicos

dessa época são os chamados **T** no **O**, que consistiam num círculo com um «**T**» representando os rios e marés e dividindo o «**O**» (formato achatado de representação do Planeta) em três continentes: Europa, Ásia e África. **T** que também representava a Cruz, na junção da qual se fixava Jerusalém, então o centro do mundo. São cartas que representam a interpretação do mundo cristão, que compreendiam as regiões mencionadas na Bíblia.

Durante aquele período, os principais guardiões da cultura cartográfica foram os árabes, que recolheram e desenvolveram o que os povos ocidentais já haviam descoberto. A obrigação religiosa de peregrinação até Meca, cidade sagrada do Islamismo, levava-os a conhecer muitos lugares e a traçar caminhos para a correta orientação dos peregrinos. A conquista de novos territórios, como a Mesopotâmia (actual Iraque), a Pérsia (actual Irão) e o Egipto, também foi fundamental para ampliar os conhecimentos cartográficos desse povo, pois era necessário conhecê-los para poder governá-los.

Ainda na Idade Média, no século XIII surgiu na Europa um tipo de mapa próprio para a navegação, as «*Cartas Portulanas*», idealizadas por almirantes e capitães das frotas expedicionárias. Isto foi possível graças ao uso da bússola, instrumento trazido do Extremo Oriente para o Ocidente pelos árabes no século XII. Esses mapas caracterizam-se pelo minucioso sistema de rosa-dos-ventos e riqueza de detalhes do litoral dos lugares e



Uma Carta Portulana. Fonte: <https://gabineteportuguesdeleituraemsalvador.blogspot.com/>

portos. Com essas cartas, os navegadores determinavam a sua localização e o ângulo em relação ao norte magnético, encontrando, assim, a direção a ser a seguida.

Chegamos, então, ao período do Renascimento (séculos XV-XVI), altura em que a Europa assiste a profundas alterações políticas e sociais, que se traduziram na ruptura definitiva com os modelos medievais e no alvorecer da modernidade. A uma Europa espartilhada e fragmentada em inúmeros pequenos Estados, com um débil poder régio dependente do poder de Deus materializado no Papa, sucedeu o pensamento laico universal de monarquias centralizadoras que formaram e

consolidaram nacionalidades organizadas e independentes. O Renascimento italiano, o heliocentrismo de Copérnico e de Galileu e a imprensa de Gutenberg deram uma rápida expansão ao humanismo, ao racionalismo e ao individualismo, permitindo um maior intercâmbio cultural e civilizacional. As teses religiosas de Martinho Lutero conduziram a uma divisão espiritual da Europa, descentralizando a autoridade papal. À Reforma Protestante respondeu a Santa Sé com a Reforma Católica, usando como instrumentos a Inquisição e a Companhia de Jesus. Assim, enquanto o Protestantismo se concentrou no Norte da Europa, os países latinos (Portugal, Espanha, França, Itália), a Renânia, a Baviera, a Áustria, a Bélgica, a Polónia e a Irlanda mantiveram-se fiéis ao catolicismo.

Mas o facto marcante do início da Idade Moderna foi a epopeia dos Descobrimentos e da Expansão Além-mar, iniciada pelas potências ibéricas. Na verdade, a história dos mapas confunde-se, em certa medida, com a história dos Descobrimentos, constituindo os séculos XV e XVI a viragem decisiva. Os portugueses, através da exploração ao longo da costa atlântica, modificam a percepção da África no tempo do Infante D. Henrique, dobram o cabo da Boa Esperança e chegam à Índia através de Bartolomeu Dias e Vasco da Gama, respectivamente, aportam ao Brasil por Pedro Álvares Cabal e chegam ao extremo asiático no tempo de Afonso de Albuquerque. Ou seja, desbravaram o Atlântico, sulcaram o Índico, abriram a rota do Oriente e desviaram o centro de gravidade comercial do Mediterrâneo para o Atlântico-Índico. Relativamente aos espanhóis, que chegaram à América através de Cristóvão Colombo, as posteriores viagens exploratórias desenharam o «Novo Mundo» e fizeram a síntese entre a América e África, enquanto a viagem de circum-navegação de Fernão Magalhães é um marco decisivo para conhecer o Pacífico e unir continentes.

Por essa via, o domínio dos mares, a exploração de continentes e o contacto com povos desconhecidos avança inexoravelmente, um processo de globalização político e social, mas sobretudo económico-comercial, religiosos e científico. Com notáveis e expectáveis reflexos no campo da Cartografia, cujo conhecimento é imprescindível ao projeto de expansão territorial. Data desta época a elaboração do globo do luso-alemão Martim Behaim, o mais antigo e datado de 1493, e do primeiro planisfério terrestre, elaborado pelo alemão Martin Waldseemüller, em 1507.



Globo terrestre de Martin Behaim. Fonte: <https://www.labrujulaverde.com/>.
Planisfério terrestre, elaborado pelo alemão Martin Waldseemüller. Fonte: <http://museudetopografia.ufrgs.br/>

Entretanto, separada da tutela hispânica, em finais do século XVI emergiu a concorrência neerlandesa através das suas companhias comerciais, que se instalou na Insulíndia e na costa Ocidental Africana, faixa costeira do território brasileiro e norte-americano. Ou seja, Os Países Baixos subiram ao topo na navegação e do comércio ultramarino, à conta da retracção das potências ibéricas, transformando o *Mare Clausum* em *Mare Liberum*.

Mas o seu apogeu quase coincide com um inexorável declínio, a partir da segunda metade do século XVII, quando um rival de peso como a Inglaterra a combate nos mares, se lhe sobrepõe comercialmente e a substitui colonialmente. De facto, estimulada por uma dinâmica burguesia comercial, o domínio britânico dos mares é feito à custa da retracção das potências referidas, de tal forma que no século XVIII controlava um fabuloso império na América e na Índia. Como é bom de ver, quem dominava os mares controlava o comércio, quem controlava o comércio assenhorava-se das riquezas e, assim, quem tinha maior aforro financeiro mais facilmente se afirmava como potência global. Relativamente à França, potência sobretudo continental, a expansão ocorreu no Norte da América, na região do Canadá.

Do mar para terra, naturalmente que todo este dinamismo mercantilista, expansão territorial e domínio das demografias influiu sobremaneira no avanço do conhecimento cartográfico, imprescindível para identificar territórios em terra e no mar,

traçar rumos, esquematizar objectivos, assumir suseranias. O conhecimento do mundo evoluía e a sua representatividade em mapas, globos e atlas seguia o seu caminho, cujo preciosismo e realismo seriam atingidos no século XVIII, sobretudo através das viagens do britânico James Cook e das técnicas de levantamentos topográficos que permite preencher os «pontos brancos» dos mapas. As cosmografias tornam-se populares. São manuais (enciclopédias) sobre cartografia, geografia, astronomia e história natural, organizadas por regiões, com fartas ilustrações de mapas e desenhos.

Gerardo Mercator – O Pai da Moderna Cartografia

No que à Cartografia diz respeito, a «escola Holandesa» foi um marco fundamental e de referência, que fez jus ao dinamismo comercial e labor territorial. De todos, o de maior mérito e que deixou um legado para os vindouros, foi o matemático, geógrafo e cartógrafo Gerardo Mercator, que nasceu em Rupelmonde/Flandres (hoje Bélgica) em 1512⁶.



Planisfério Mercator, 1587. Fonte: <https://upload.wikimedia.org/>

Considerado o pai da Cartografia Moderna, a sua maior contribuição foi o desenvolvimento da projeção cilíndrica do globo terrestre sobre uma carta plana,

⁶ O Museu Mercator em Sint-Niklass, na Bélgica, tem uma exposição permanente com trabalhos sobre a vida e o seu legado.

conhecida como «*Projeção de Mercator*», datada de 1569. O modelo, assente em paralelos representados como retas paralelas e cada vez mais distanciadas entre si à medida que se afastam da linha do equador, foi um marco importante na representação da Terra, que permitiria aos marinheiros marcar a sua localização e definir a rota do navio. A inovação foi muito usada em cartas de marear, pois nela a reta é uma linha de marcação verdadeira que permite ao navegador traçar um rumo em linha reta. E isso apesar de distorções face à realidade, pois as cartas tradicionais inspiradas nos seus trabalhos destinadas à navegação dão uma ideia errada de algumas áreas em diferentes regiões do mundo: a América do Sul, por exemplo, parece menor que a Gronelândia, mas na verdade é nove vezes maior, a Índia surge mais pequena que a Escandinávia; a Europa está maior que a América do Sul, embora esta seja quase duas vezes maior.



Gerard Mercator.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/>

Fosse na Universidade de Leuven, na cidade portuária de Antuérpia ou Duisburg, na Alemanha, onde se refugiou para escapar às acusações de heresia pela Inquisição, Mercator dedicou toda a vida a desenhar mapas, produzir globos e construir atlas, um conceito cartográfico de sua autoria⁷, absorvendo e estudando as descrições de viagens feitas pelos navegadores. De tal forma que concebeu o famoso globo «*Laxodrómico*», com as laxodromias dos oito rumos, de cada quadrante, traçadas a partir de vários pontos situados em diferentes latitudes. Uma obra considerada como um marco importante no processo de representação da Terra. Construiu também um globo celeste. Quanto a mapas o legado é imenso, face às solicitações vindas de toda a parte, que gravou em placas de cobre, segundo os novos dados científicos. Estava decidido a uma descrição abrangente do céu e da terra, com base na Teologia e na História, capaz de explicar todo o Cosmos numa obra em diversas partes, contendo tanto textos sobre a criação do mundo, quanto descrições geográficas das regiões e suas histórias nacionais. Assim temos mapas ou atlas da

⁷ O termo Atlas, um conjunto de mapas explicativos, foi dado por Mercator em homenagem a um Astrónomo da Mauritânia, que habitava a região montanhosa do Atlas, no Norte de África.

Europa (em 18 folhas impressas), da Palestina, da Flandres, da França, Alemanha, Países Baixos, Grã-Bretanha, Balcãs, Itália ou Grécia, além de uma cronologia do mundo, desde sua criação até 1568, e de uma edição crítica dos 27 mapas do geógrafo grego Cláudio Ptolomeu.

Gerard Mercator faleceu em Duisburg aos 82 anos, a 2 de dezembro de 1594. Algumas destas obras foram publicadas postumamente.

Henricus Hondius (1597-1651)



Henricus Hondius.

Fonte: <https://en.wikipedia.org/>

Traçado o percurso histórico-cartográfico, necessariamente sucinto, chegamos ao assunto macro desta apresentação – o Mapa da autoria do gravador, cartógrafo e editor neerlandês Henricus Hondius, datado de 1639.

A sua análise remete-nos para 1610, concretamente para o mapa do mundo de hemisfério duplo decorativo, de Nicholas Van Geelkercken (1585-1656), desenhista e gravador que desenvolveu a actividade de cartografia em Leiden, Amsterdão e Antuérpia. O mapa em questão foi reeditando em 1617/18 e 1632, constituindo a sua decoração um ex-libris. Trata-se de uma raridade, pois existem poucos

exemplares a chegar aos nossos dias.



Mapa Nicholas Geelkercken 1610. Fonte: <https://www.raremaps.com/>

Henricus Hondius reeditou o mapa, com algumas mudanças decorativas significativas em 1639 e em edições posteriores. Era filho do conhecido cartógrafo e editor flamengo Jodocus Hondius (1563-1612), que se estabeleceu em Amsterdão (1593), onde criou a editora Hondius, depois de passar uma temporada exilado em Londres, onde conheceu cartógrafos notáveis e destacados exploradores ingleses. Trabalhando com Cornelius Claesz, adquiriu as placas de cobre do «*Atlas de Mercator*», através do neto, que reproduziu e divulgou, adicionando-lhe 36 novos mapas de sua autoria, que se tornaram um sucesso de vendas. De tal forma que, embora tenha sempre assinalado a autoria de Mercator, a nova série passou a ser conhecida como «*Atlas Mercator-Hondius*».

Henricus seguiu as pisadas do pai e, depois da morte deste, na posse das placas originais do mapa de Mercator, trabalhou inicialmente com o irmão mais velho, Jodocus Hondius. Assim, continuaram a publicar o Atlas Mercator-Hondius, sob o nome de Elder Hondius, até 1619. A partir de 1620, os dois irmãos separaram-se, estabeleceram as lojas em Dam Square e entraram em concorrência directa. A primeira vez que nome Henricus Hondius foi mencionado num Atlas verificou-se em 1623, quando publicou a quinta edição do «*Atlas Mercator-Hondius*».

Entretanto, o irmão morreu em 1629 e Henricus fez parceria com o cunhado Johannes Janssonius, que se revelaria proveitosa. Apercebendo-se que o irmão vendera as chapas de impressão ao principal rival, Willem Blaeu, viu-se obrigado a contratar os gravadores Salomon Rogiers e Evert Hamsersvelt, para copiar as chapas vendidas. Foram ampliando, diversificando e disseminando o Atlas de Hondius pai, renomeado «*Atlas Novus*». Inexplicavelmente, Henricus Hondius deixou o negócio de publicação de atlas no início dos anos 1640. Morreu em 1651, deixando as chapas de cobre e a contínua publicação do Atlas Mercator-Hondius para Johannes Janssonius.

O Contexto Geopolítico Europeu em 1639

Em 1639, a Europa era um espartilho geográfico, político e religioso. A «Católica» Espanha dos filipes, uma grande potência, mas em declínio demográfico e financeiro, dominava um império de Ocidente a Oriente «onde o sol nunca se punha». A «Cristianíssima» França de Luís XIII e do Cardeal Richelieu assumia-se como poder político e militar continental de primeira ordem. A anglicana Inglaterra, um poder marítimo e naval herdado de Isabel I, estava em vias de mergulhar numa guerra civil entre os realistas do rei Carlos I e o puritano republicano Oliver Cromwell. Os Países

Baixos calvinistas, separada pela força das armas da tutela hispânica, cuja designação formal era Estados Gerais das Províncias Unidas, apresentava-se como o mais dinâmico e importante poder naval e comercial do tempo. O império Austríaco do «Muito Católico» Carlos III detinha o poder no centro da Europa, que englobava o imenso e turbulento espaço germânico, protestante a Norte e católico a Sul, com crescentes dificuldades de controlo. A Escandinávia, onde pontuavam também a Dinamarca e a Noruega, tinha no poder militar da Suécia o dominador da região. A Península Itálica, à semelhança da Alemanha, era um espartilho de pequenos Estados com maior ou menor soberania, cuja disputa mergulhou a Espanha e a França numa guerra que durou de 1629 a 1659. Roma e os Estados Papais geriam uma conjuntura espiritualmente cindida e conflituosa, entre o Centro-Sul fiel ao Sumo Pontífice e o Norte Protestante. A Leste, o católico reino da Polónia afirmava-se no palco continental, em conflito com a ortodoxa Rússia dos Romanov, então ainda preocupada com a expansão territorial para as estepes e a Sibéria. Por fim, a Sudeste o imenso e islâmico império Otomano (Turquia), crónico inimigo da Áustria e da Rússia.

Portanto, a Europa era, nesta época, um continente em estado de guerra permanente, mergulhada numa violência de apocalipse, que teve na Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) e no espaço germânico o conflito de maior gravidade e mortandade, que envolveu os «impérios irmãos» da Espanha e da Áustria contra a França, Suécia, Holanda e os principados alemães protestantes.

E Portugal? Em 1639 Portugal estava subjugado pela Espanha, fazendo parte da designada Monarquia Hispânica desde 1580-1581, quando Filipe II derrotou o Prior do Crato, ocupou Lisboa e foi aclamado rei de Portugal nas Cortes de Tomar. O que significa que o Império Português, uma referência mundial no século XVI, e Lisboa, principal porto comercial europeu, faziam parte da tutela governada a partir do Escorial, em Madrid. Mas 1639 também representa o átrio cronológico conducente à Restauração Portuguesa de 1 de Dezembro de 1640. Na verdade, já então a sociedade portuguesa desejava resgatar a dinastia perdida para os filipes e os fidalgos conspiravam para a materializar, através do duque de Bragança D. João. Um conjunto de razões justificavam anular a União Ibérica, à conta das erráticas políticas emanadas de Madrid: envolvida em múltiplas guerras na Europa, decidiu exigir a colaboração portuguesa, em homens e armas, nessas mesmas guerras, além de ter carregado ainda mais de impostos os povos lusitanos; desinteressou-se pela manutenção da posse dos territórios portugueses no Nordeste brasileiro e no Oriente,

indispondo a burguesia, que viu os negócios declinar; os nobres portugueses viam-se arredados da condução política interna. Ou seja, a nobreza a burguesia, o povo e o próprio clero evangelizador, que temia que os míticos espaços brasílicos e índicos resvassem para a esfera do protestantismo Orange, ansiavam pelo fim da tutela hispânica.

O Mapa-Hemisférico de Henricus Hondius, de 1639

Feito o enquadramento que se impunha, passamos à explicação da informação constante no «*Mapa Henricus Hondius*».



Mapa-Puzzle Henricus Hondius 1639. Fonte: <https://www.casadopuzzle.pt/puzzle-castorland-mapa-do-mundo-de-1639-de-2000-pecas> & Susana Cipriano.

Está dividido em dois esféricos, vendo-se a separação à esquerda das Américas e os navios em demanda do Novo Mundo, com uma alegoria onde consta a alusão aos índios e aos conquistadores europeus (duas figuras armadas e em atitude de confronto), e na direita a Europa, África e Oceânia, remetendo para a superior civilização e poder militar europeus, em expansão pelo mundo. Ainda é notório, sobretudo em relação às Américas e à Oceânia, imprecisões no traçado continental e

de alguns mares interiores. Conforme já referimos, será a partir do século XVIII que o preciosismo cartográfico será atingido.

Nos cantos há representações rurais que ilustram as quatro estações do ano (começa na Primavera, a partir de cima e no sentido dos ponteiros do relógio). Na parte central superior observamos o Deus da Trindade, enquadrado pelo Sol (espiritualidade da luz, da esperança e da Ressurreição) e a Lua (fases terrenas e biológicas da existência humana), ou seja, a natureza divina e humana de Jesus Cristo, e na parte central inferior um panorama do Jardim do Éden, respeitante ao Génesis da humanidade e ao Pecado original, com Adão e Eva.

Observemos agora o friso etno-geográfico que envolve o quadro no seu todo, e que é, objectivamente, um distinto elemento decorativo e informativo, que nos diz muito sobre o contexto vivencial da primeira metade do século XVII. Os frisos horizontais, que centram o desenho em gentes, vestes e estilos característicos das mais variadas origens, são antropólogos e étnicos; os verticais, que remetem para cidades e regiões, são representações geográficas. Naturalmente, atendendo às origens do autor, a representação das terras e das gentes é feita a partir de um ponto de vista neerlandês, centrado nos poderes de referência europeus, em domínios de pertença Orange, de cobiça ou de rivalidade. Neste âmbito, a Espanha está muito presente, ao contrário da especificidade portuguesa, que prima pela ausência, entendida como parte da Monarquia hispânica. Na verdade, o Brasil e o Oriente lusitanos surgem como espaços a resvalar para a órbita neerlandesa. A própria cidade de Lisboa, dinâmica, cosmopolita e comercial é ignorada.

No friso horizontal superior, Henricus Hondius preocupou-se em distinguir importantes povos europeus (Alemães, Polacos, Moscovitas, Italianos, Hispânicos, Belgas, Ingleses) e terras/povos de domínio neerlandês no mundo, nomeadamente os Javaneses (Indonésia) e Brasileiros⁸. Enigmático e interessante a alusão a ladrões(!)

No friso horizontal inferior os povos representados são os Gregos, Boémios (Alemanha) e Venezianos, no contexto europeu; Guineenses (alusão a fonte de trabalho escravo para o Brasil?), relativos a África; os Bonespei, povos indígenas do Nordeste do Brasil, região onde os Países Baixos exploravam o açúcar; e Orientais como Chineses, Japoneses, Tártaros e de Samatra, esta outra ilha Indonésia de domínio

⁸ Enquanto explicação, Java era à época o centro da presença holandesa a Oriente, através da Companhia Comercial das Índias Orientais Holandesas (WIC), enquanto na costa Ocidental do Brasil se impunha a Companhia Comercial das Índias Ocidentais Holandesas (VIC).

comercial orange. Desconhecemos quem são os Magellani; povos do estreito Magalhães?

No friso vertical esquerdo emergem as seguintes cidades europeias: Amsterdão (capital comercial da Holanda); Veneza (ainda um importante entreposto comercial entre o Oriente e a Europa); Londres (capital rival comercial dos Países Baixos); Roma (cidade eterna e de poder dos Papas, rivais do protestantismo calvinista); Dantzig (cidade costeira do Norte da Alemanha); Constantinopla (a mais cosmopolita das cidades islâmicas e ponte civilizacional e de litígio entre a Europa e a Ásia); Moscovo (capital do poder dos czares). E de novo consta o «Novo Mundo», através do México (espaço hispânico), e Ormuz (checkpoint comercial no Golfo Pérsico).

No friso vertical direito temos Sevilha (cidade portuária de excelência da expansão e comércio espanhol); Paris (principal metrópole europeia); Frankfurt (das principais cidades do Império Romano-Germânico, pertença da coroa austríaca); Jerusalém (centro espiritual da cristandade); Túnis (cidade turca situada no Norte de África com vista para o Mediterrâneo e o Sul da Europa); Pernambuco (região brasileira de domínio português rica em açúcar e cobiçada pela Holanda); Praga (cidade pertença do Império Austríaco e onde deflagrou a Guerra dos Trinta Anos); Cusco, no Perú, e Havana, nas Antilhas, são domínios hispânicos.



Quadro-Puzzle de Susana Cipriano em construção, 2021.